

A RECEPÇÃO DO FASCISMO NO CORDEL-JORNAL

“MUSSOLINI: O DITADOR” DE ARINOS DE BELÉM

The reception of Fascism in the “cordel-jornal” Mussoli: the dictator by Arinos de Belem

José Augusto Marques de Souza

Mestre em Ciência Política

Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-graduação em Ciência Política, São Carlos/SP, Brasil
souzajoseaugusto@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-6040-6895>

Diego Ramon Souza Pereira

Mestre em Ciências Sociais (UFBA)

Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias, Eunápolis/BA, Brasil
drspereira@uneb.br

 <https://orcid.org/0000-0003-1912-6415>

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

RESUMO

Este artigo intenta aproximar a literatura popular das chaves interpretativas acerca do Fascismo. Como *corpus*, usamos o cordel “Mussolini, o Ditador” do cordelista Arinos de Belém. A partir disso, este artigo é fruto da seguinte questão de pesquisa: como conceitos centrais da ideologia fascista como nação/nacionalismo e o Fascismo como via alternativa ao liberalismo e ao comunismo foram recepcionados no cordel-jornal em questão. Objetiva-se nesta análise aproximar esta produção poética de grandes temas históricos mundiais. Este trabalho, de caráter ensaístico, está dividido em duas partes: na primeira tratamos do contexto de produção do cordel e do cordel-jornal, bem como apontamos a importância da trajetória de Arinos de Belém como pioneiro desse subtipo. Na segunda parte, discutimos algumas visões teóricas sobre o fascismo, com especial atenção para a sua ideologia, e também analisamos o corpus a partir das lentes teóricas apontadas.

PALAVRAS-CHAVE: Cordel. Fascismo. Mussolini. Arinos de Belém.

ABSTRACT

This paper attempts the popular literature of interpretative keys about the Fascism. As a *corpus*, we used the “cordel” “Mussolini, the dictator” of Arinos de Belém. This work, is the result of the research question: how concepts of fascist ideology as nation/nationalism and fascism as an alternative to liberalism and communism were received in the “cordel-jornal” analyzed. It is aimed at this analysis to bring this poetic production to large world historical themes. This essay is divided into two parts: at first, we deal with the context of “cordel” and “cordel-jornal” production, as well as we point out the importance of the trajectory of Arinos de Belém as a pioneer of this subtype. In the second, we work with some theoretical visions about fascism, with particular attention to its ideology, and we also analyzed the corpus from the pointed theoretical lenses.

KEYWORDS: “Cordel”. Fascism. Mussolini. Arinos de Belém.

1 INTRODUÇÃO

As Ciências Sociais são dotadas de uma possibilidade muito grande para a sistematização dos seus dados, como por exemplo a interação entre a realidade social e a literatura (ALBRECHT, 1954; ALTAMIRANO & SARLO, 2001; BOTELHO e HOELZ, 2016; EASTWOOD, 2007; FORSTER e KENNEFORD, 1973; TEIXEIRA, 2009; WAIZBORT, 2009). Interação esta que leva em conta, principalmente, aspectos socioculturais e elementos inerentes à própria literatura em si. A partir disso, pode-se entender a emergência do processo comunicativo e os seus efeitos como um objeto de interesse primordial das Ciências Sociais, uma vez que este processo pressupõe uma relação tripartite: o comunicante, o comunicado e o público a que se dirige (CANDIDO, 1993).

A partir de Candido (1993-1980), destacamos a importância que surge da interação entre literatura e sociedade, mais especificamente a forma pela qual elementos sociais são transplantados para as narrativas literárias, resultando em processos de diálogo de duas esferas do mundo social. Logo, representações através das obras literárias servem como objetos de análise que auxiliam na elucidação do contexto de produção das obras, bem como das formas de recepção de determinados conceitos e/ou experiências (Bauer, 2002).

Partindo disso, este trabalho tem como objetivo analisar a forma pela qual se dá os conceitos centrais do fascismo italiano como Nação/nacionalismo, a ideia do Fascismo como *via* alternativa ao liberalismo e ao comunismo, ambos apontados por Eatwell (2013) foram recepcionadas no cordel-jornal denominado “Mussolini: o Ditador”, de Arinos de Belém. Especificamente, objetivamos compreender como estes conceitos foram adaptados para o cordel em questão, ampliando a circulação de temas e de teorias sobre o fascismo em um contexto periférico. Cabe destacar que se trata de um trabalho de caráter ensaístico, que cumpre o papel de fazer uma primeira aproximação possível entre temas e teorias e a literatura de cordel, especificamente a obra de Arinos de Belém que selecionamos.

Este trabalho está estruturado em duas partes. Na primeira (O Cordel) tratamos do contexto de produção do cordel em Belém do Pará-PA, identificando a estrutura narrativa desse tipo de texto, sua função social e a forma como os temas em geral eram retratados. Além disso, nesta parte analisamos a categoria do cordel-jornal, apontando Arinos de Belém como um dos pioneiros desse subtipo do cordel (FCRB, 2015; SALLES, 1971). Na segunda parte (O Fascismo e seus caracteres) tratamos de algumas visões teóricas sobre o fascismo, dando especial atenção à sua perspectiva ideológica. Aqui propomos a análise

do cordel-jornal “Mussolini: o Ditador” de Arinos de Belém, conforme os objetivos do trabalho.

2 O CORDEL

2.1 Cordel e sua produção em Belém do Pará: começo do século XX

O cordel, ainda na forma de folhetos, tem origem portuguesa, ainda em 1769, em um contexto em que o Rei João V de Portugal determinou que esta era uma literatura voltada somente para os cegos (MAXADO, 2007). Quanto aos temas, os folhetos (entendidos como “literatura de cegos”), que eram comercializadas nas portas das igrejas e feiras, versavam sobre o amor, mitos heroicos, sofrimento, aventuras de cavalaria, dentre outros (ALVES SOBRINHO, 2003; CAMPOS, 1959; LONDRES, 1983; LUYTEN, 1992; TERRA, 1983).

A poesia popular impressa é herdeira do romanceiro tradicional, da literatura oral (em especial dos contos populares, com predominância dos contos de encantamento). O cordel é um dos galhos da árvore da poesia popular, como o repente também o é. Mas, cordel e repente não são a mesma coisa, pois, à medida que a árvore cresce, os galhos vão se distanciando, embora estejam unidos pela origem comum (HAURÉLIO, 2007, p. 15).

Haveria, então, uma convergência entre a origem do cordel e do repente¹. O primeiro, representando a produção escrita na forma dos livretos, compostos por “quatro versos chamados de quadra, sextilhas – contendo seis versos, septilhas ou sete versos, e décima – conjunto de dez versos” (GALVÃO, 2011, p.3). Ademais, estruturalmente o cordel era criado na forma ABCBDB, que, como aponta Matos (1986), é a sigla referente à representação gráfica da métrica usada nas rimas dos cordelistas da primeira geração. Isso significa que as rimas eram intercaladas aos versos livres (estavam nos versos 2, 4 e 6, representados pela letra B).

Sobre o tamanho dos cordéis, há uma diferença nominal: os folhetos de oito páginas eram chamados de “folheto”; os de dezesseis páginas eram “romances”; os de trinta e duas páginas, “histórias” e normalmente eram os mais complexos (LUYTEN, 1992, p.45).

Em relação a ambientação sociopolítica brasileira do cordel analisado, é válido mencionar que vivíamos permeados por ideais oriundos da *Belle Époque*, processo iniciado

¹ Repente, também chamado de Cantoria, baseado, em síntese, ao improviso entre dois cantadores, geralmente utilizando uma viola (instrumento de cordas).

na França que se alastrou por diversos países, compreendido entre o final do século XIX e seguindo até a Primeira Guerra Mundial (1914). Tal período era conhecido como a “era de ouro”, da beleza e da paz entre a França e seus vizinhos europeus, cujas mudanças no cenário social – como os cafés-concertos, o cinema, o balé, o teatro, a alta costura entre outros – eram elementos de refinamento e rebuscamento de detalhes, presentes então nos romances publicados no nosso país. Este pressuposto civilizatório não apenas atingia as subjetivas dos agentes, mas via-se também fortemente nas instituições recém-criadas pela República Federativa do Brasil, como: o tratamento desumano dado a questão racial, a tributação sobre os alimentos, os impostos, a obrigatoriedade da vacina, entre outros elementos nacionais.

Paris, a “cidade luz”, tornou-se o grande produtor e exportador da cultura ocidental, passando a ser referência de cidade civilizada e moderna, com telefone, telégrafo sem fio, automóvel, ruas, calçadas, bondes, livrarias, onde todos os cidadãos são livres e iguais, inseridos em um contexto de fraternidade. Por conta das frequentes viagens da intelectualidade a Paris, nessa época, esta cidade tornou-se o modelo de cenário social, cultural e político a ser seguido e implantado pela neófito República. Por isso, a *Belle Époque* no Brasil tomou corpo a partir de 1889 seguindo até 1922, anterior as vanguardas modernistas e ufanistas instauradas na Semana de Arte Moderna (BOTELHO, 2007, 2005; FERREIRA, 1999; NEEDELL, 1993; THIESSE, 2000, 1991; ORTIZ, 2006, 1992).

Todavia o que vemos de ideário acima está fortemente atrelada ao eixo Rio de Janeiro – São Paulo. Com a expansão da extração do látex, formação do ciclo da borracha, na região norte do país houve uma migração interna de pessoas de várias regiões do Brasil, especialmente de nordestinos que fugiam da seca que assolava grandes faixas territoriais (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001). E junto com a sua vida, os nordestinos também levaram a sua poesia, pois o “mercado consumidor de poesia em potencial, a chamada literatura de cordel também se espalhou largamente” (SALLES, 1971, p. 95).

Entre 1914 e 1949 temos o desenvolvimento da folheteria do nordestino Francisco Lopes, denominada Guajarina. Esta editora passa a ser considerada “o maior fenômeno editorial do Pará e seguramente um dos maiores do Brasil no campo da literatura de cordel” (VICENTE, 2000, p. 9). A editora paraense passou a republicar cordéis já consagrados no Nordeste como os de Leandro Gomes de Barros, Silvino Pirauá, Francisco das Chagas Batista entre outros, assim como publicou cordéis de nascidos ou radicados no Pará. Vicente Salles (1985) sinaliza a “primeira geração de cordelistas” sendo formado por Ernesto Vera, Dr. Mangerona-Assu, Apolinário de Sousa, Arinos de Belém e Zé Vicente.

Exceto Apolinário de Sousa, todos ou outros utilizavam pseudônimos. Ernani Vieira era registrado como Ernesto Vera; Dr. Mangerona-Assu era o heterônimo de Romeu Mariz; Arinos de Belém era o criptônimo de José Esteves; e Zé Vicente era o alônimo de Lindolfo Mesquita.

2.2 O “cordel-jornal” e Arinos de Belém: uma só trajetória

Quando ainda não havia
O Rádio e a televisão
E os jornais não chegavam
Pra toda população
O folheto de cordel
Era o jornal do sertão. (LIMA, 2006, p. 85).

Havia uma relação entre as narrativas dos cordéis e as reportagens jornalísticas. Essa relação foi o que permitiu ao surgimento do “cordel-jornal”, que era uma modalidade que “apreende um acontecimento com sua sensibilidade, empresta-lhe a perspectiva da sua cosmovisão e o retransmite numa linguagem popular, dentro do campo de referência dos seus leitores” (LUYTEN, 1992, p.49). Embora existente, a relação entre o cordel e o jornal era mais complexa. Enquanto o segundo partia de uma lógica editorial mais específica e com melhor circulação em todo o país, o primeiro (o cordel) tinha o papel de informar ao mesmo tempo que influenciava a opinião de seus leitores (LUYTEN, 1992, p.49).

Isso implicava em uma valoração das personagens dos cordéis, isto é, o cordelista se preocupava em identificar o “bonzinho” e o “vilão”, moldando a opinião pública de sua região. Se no jornal a preocupação era com a veracidade dos fatos e a riqueza de detalhes, no cordel importava uma mescla entre a narrativa e o fato, havendo, inclusive, omissão proposital de dados.

Na relação tripartite entre comunicante, comunicado e público a que se dirige, cabe destacar que, no caso do cordel-jornal, a representação de fatos corriqueiros da vida era permeada pela própria interpretação do cordelista, que, intencionalmente, moldava uma visão de mundo ainda que regional (CANDIDO, 1993; GALVÃO, 2010).

O “poeta-jornalista”, produtor do “cordel-jornal”, deve ser entendido à luz da sua trajetória, e por conta disso é válido entender quem foi Arinos de Belém. Registrado como José Esteves, ele era filho de espanhóis e residente em Belém. Profissionalmente, exercia a atividade de jornalista dos pequenos jornais da cidade. “Fez parte do grupo liderado por

Ernani Vieira, em torno do qual conviviam os ‘pequenos literatos’ que não tinham facilidades para ingresso nos jornais e revistas de ‘maior conceito’” (SALLES, 1985, p. 185). Faleceu aos trinta anos de idade de lepra na cidade de Marituba, próximo a Belém do Pará.

De acordo com Salles (1985), Arinos

assimilou perfeitamente o *estilo* da poesia sertaneja nordestina e deixou apreciável produção. Com ele dá-se o caso singularíssimo da inversão de situações específicas: sem nunca ter estado no Nordeste produziu diversos folhetos que se inspiram em motivações nordestinas. A sua *idealização* do agreste só pode ter sido produto de intensa leitura de folhetos oriundos daquela região (SALLES, 1985, p. 185).

Como aponta Vicente Salles, Arinos além de ser um bom escritor também era um excelente leitor, inclusive de cordéis nordestinos. Esta influência da poesia nordestina na sua obra, conforme sinalizado no trecho acima, é perceptível no processo de produção poética. É válido mencionar que anterior e em certa medida concomitantemente às publicações da Guajarina, temos um grupo de poetas nordestinos que já estão produzindo, publicando e que Arinos acaba lendo. Tal grupo foi chamado pela Fundação Casa de Rui Barbosa (2015) como grupo dos pioneiros, sendo formado por Antonio Ferreira da Cruz (1876 - ?, PB), Francisco das Chagas Batista (1882-1930, PB), João Melquíades Ferreira da Silva (1869 - 1933, PB), José Camelo de Melo Resende (1885 – 1964, PB), Leandro Gomes de Barros (1865-1918, PB), Severino Milanez da Silva (1906-1956/1957, PE) e Silvino Pirauá de Lima (1848-1913, PB).

Outro dado que nos chama atenção é a formação jornalística que o poeta teve. Não podemos definir como era esta formação e nem onde foi a sua procedência. Todavia, Salles (1985) aponta que em paralelo a prática de poeta, Arinos também exercia a arte de narrar jornalisticamente os fatos, ainda que atuasse em jornais de pouca circulação. Deste duplo pertencimento pode-se entender que além de uma excelente leitura de mundo, alicerce para os poetas populares, havia também no caso de Arinos uma leitura de noticiários, jornais da época e por que não afirmar uma erudição. Esta via profissional será o gancho para entender a construção do Fascismo italiano no cordel objeto de análise deste texto.

3 O FASCISMO E SEUS CARACTERES

3.1 Condições históricas e estruturais dos fascismos²

As primeiras décadas do século XX foram marcadas pelas grandes dificuldades enfrentadas pelo liberalismo (político e econômico) e pela democracia. Para o liberalismo econômico, os resultados esperados, por mais otimistas, não seriam capazes de debelar as constantes crises enfrentadas pelo centro e pela periferia (KONDRATIEFF, 1935). Para a vertente política do liberalismo, assim como para o projeto democrático como um todo, o problema residia na formatação de um modelo de Estado, governo e sociedade que suportasse as tensões políticas, superdimensionadas antes, durante e após o fim da I Guerra Mundial.

No imediato pós-guerra, havia um solo fértil para a consolidação das ideias nacionalistas, antiliberais e anticomunistas. Além disso, alguns países como a Alemanha, por exemplo, lidavam com uma recessão econômica grave, aumentando os graus de insatisfação em face de uma possível (re)construção democrática. Como resultado, a crise política aumentava consideravelmente, exigindo das lideranças políticas uma solução rápida, eficaz e que estivesse à altura dos problemas a serem enfrentados. O contexto democrático-liberal de Weimar, por exemplo, era explorado como uma experiência de fraqueza institucional e constitucional, uma vez que retirava poderes do Executivo e permitia a manutenção das oligarquias e facções que, em curto prazo, destruiriam as capacidades do Estado, como afirmava Carl Schmitt (SANTOS, 2007).

Ao fim da guerra, os europeus viam-se divididos entre um velho mundo que não podia ser revivido e um novo mundo sobre o qual eles discordavam acerbamente. À medida que as economias de guerra eram desmontadas de forma demasiadamente rápida, a inflação dos tempos de guerra fugiu ao controle, zombando das virtudes burguesas de frugalidade e poupança. (PAXTON, 2007, p.60).

É neste momento que o Fascismo e o Nazismo surgem como alternativas possíveis à crise Ocidental, rejeitando a democracia e o liberalismo, bem como a experiência comunista. À frente destas alternativas, estavam novas lideranças que se apresentavam

² Utilizamos o termo “fascismos” delimitando a experiência Nazista e o Fascismo italiano, propriamente dito, conforme Paxton (2007).

como hábeis condutoras da nação para um futuro modernizante, tencionando resgatar a unidade nacional a partir de efetivas respostas aos problemas enfrentados.

É interessante pensar que embora o fascismo tenha nascido de uma energia semelhante à do Nazismo, os regimes possuíam diferenças substanciais. A primeira delas, indica que o grau de terror alcançado pelos regimes era fundamentalmente diferente. O totalitarismo alemão, segundo as definições de Arendt (2013) e Linz (2000), atingiu um grau de matança generalizada muito superior a qualquer regime não-democrático. Ademais, de acordo com Linz (2000), o grau de penetração nas esferas sociais do nazismo foi consideravelmente maior do que no fascismo, embora Mussolini quisesse empreender esta campanha.

Na Alemanha nazista, havia um conjunto de intelectuais dispostos a fornecer os subsídios ideológicos para a legitimação do poder soberano do Führer. Por meio disso, a manipulação de ideias e a subversão de conceitos serviam à perseguição não só dos inimigos já demarcados (as ideias liberais e o bolchevismo), mas também de toda e qualquer pluralidade existente. A instrumentalização do terror era clara.

O terror é a realização da lei do movimento. O seu principal objetivo é tornar possível à força da natureza ou da história propagar-se livremente por toda a humanidade sem o estorvo de qualquer ação humana espontânea. Como tal, o terror procura “estabilizar” os homens a fim de liberar as forças da natureza ou da história. Esse movimento seleciona os inimigos da humanidade contra os quais se desencadeia o terror, e não pode permitir que qualquer ação livre, de oposição ou de simpatia, interfira com a eliminação do “inimigo objetivo” da História ou da Natureza, da classe ou da raça (ARENDR, 2013, p. 395)

Nesta mesma chave, Juan Linz (2000, p. 106) expõe que a base ideológica da coerção totalitária reside na perseguição não só militar, mas judicial dos opositores. Haveria o alargamento ao máximo dos limites do Estado com o objetivo claro de eliminação, física principalmente, dos opositores.

O fascismo italiano, por outro lado, parte do mesmo pressuposto de interferência na vida cotidiana. O ideal de rompimento das fronteiras entre Estado e sociedade é dado, mas em um grau muito menor. De todo modo, o regime ultrapassa as fronteiras do autoritarismo comum porque o seu grau de interferência social é capaz de mobilizar as massas com base na sua ideologia. Juan Linz (1971), em discussão sobre as transições de regimes autoritários para democráticos, exorta para o fato de que a Itália fascista estava em transição para um regime totalitário, mas que ainda não havia atingido o mesmo grau de terror se comparado ao nazismo.

Mas os fascismos não ficaram restritos às experiências alemã e italiana. A ideologia circulou mundialmente e foi recepcionada em contextos diversos dos originais (PINTO; MARTINHO, 2016). No caso brasileiro, por exemplo, como mencionado por alguns autores (TRINDADE, 1979; LINZ, 1979; DEUTSCH, 1999; CEPÊDA, 2017), a ideologia foi recebida e adaptada ao contexto nacional principalmente na década de 1930, o que de certa forma demonstra o grau máximo da energia mobilizada pelos fascismos nas primeiras décadas do século XX.

Para além das condições históricas de surgimento e circulação dos fascismos, é preciso entender o que de fato esses movimentos significaram a partir dos caracteres que lhes são pertinentes. Nesse sentido, Robert Paxton define o fascismo como:

[...] uma forma de comportamento político marcada por uma preocupação obsessiva com a decadência e a humilhação da comunidade, vista como vítima, e por cultos compensatórios da unidade, da energia e da pureza, nas quais um partido de base popular formado por militantes nacionalistas engajados, operando em cooperação desconfortável, mas eficaz com as elites tradicionais, repudia as liberdades democráticas e passa a perseguir objetivos de limpeza étnica e expansão externa por meio de uma violência redentora e sem estar submetido a restrições éticas ou legais de qualquer natureza. (PAXTON, 2007, p.358-359).

O autor propõe uma interpretação dos fascismos que vai além de uma definição eminentemente institucional. Para ele, é importante identificar os elementos inerentes do regime como, por exemplo, as fortes mobilizações da sua militância. O autor destaca que o “corpo fascista” é composto essencialmente das paixões mobilizadoras, isto é, um conjunto de elementos que são estruturas que sustentam o movimento, mantendo uma grande coesão entre doutrina e prática ao longo de sua existência. São elas:

- um senso de crise catastrófica, além do alcance das soluções tradicionais;
- a primazia do grupo, perante o qual todos têm deveres superiores a qualquer direito, sejam eles individuais ou universais, e a subordinação do indivíduo a esses deveres;
- a crença de que o próprio grupo é vítima, sentimento esse que justifica qualquer ação, sem limites jurídicos ou morais, contra seus inimigos, tanto internos quanto externos; o pavor à decadência do grupo sob influência corrosiva do liberalismo individualista, dos conflitos de classe e das influências estrangeiras;
- a necessidade de uma integração mais estreita no interior de uma comunidade mais pura, por consentimento, se possível, pela violência excludente, se necessário;
- a necessidade da autoridade de chefes naturais (sempre do sexo masculino), culminando num comandante nacional, o único capaz de encarnar o destino histórico do grupo;
- a superioridade dos instintos do líder sobre a razão abstrata e universal;

- a beleza da violência e a eficácia da vontade, sempre que voltadas para o êxito do grupo;
- o direito do povo eleito de dominar os demais, sem restrições provenientes de qualquer tipo de lei humana ou divina, o direito sendo decidido por meio do critério único das proezas do grupo no interior de uma luta darwiniana. (PAXTON, 2007, p.360)

Embora seja importante entender os fascismos a partir de sua ascensão ao poder, Paxton (2007) compreende que os momentos precedentes do movimento, que envolvem em grande medida a mobilização inflamada da sua militância, sejam talvez mais importantes do que a ascensão institucional dos regimes.

A partir de uma perspectiva que dá prevalência mais à institucionalização dos fascismos do que propriamente às paixões mobilizadoras do movimento, Agamben (2004) recupera a ideia de que os regimes surgiram a partir do senso de crise, largamente fomentado pelos regimes. Para ele, a ascensão ao poder é marcada por uma dualidade: logo que ocupam a via institucional, os fascismos não rompem imediatamente com a ordem anterior. Nesse momento, antigo e novo conviveram simultaneamente, criando-se um novo paradigma de Estado.

O que caracteriza tanto o regime fascista quanto o nazista é, como se sabe, o fato de terem deixado subsistir as constituições vigentes (a constituição Albertina e a constituição de Weimar, respectivamente), fazendo acompanhar segundo um paradigma que foi sutilmente definido como Estado dual a constituição legal de uma segunda estrutura, amiúde, não formalizada juridicamente que podia existir ao lado da outra graças ao estado de exceção (AGAMBEN, 2004, p.76).

Para o autor, mesmo com a instauração do regime fascista não houve a desintegração total das estruturas estatais existentes. Ao contrário, o sentido de Estado foi ressignificado na medida em que passava a existir o Estado normativo em contraposição ao Estado prerrogativo. O primeiro, caracterizado pelas autoridades legalmente constituídas e pela burocracia consolidada. O segundo, formado pelas organizações paralelas do partido, com poder ilimitado e prerrogativa de ação fora da esfera legal.

Com fundamento no Estado prerrogativo, seria possível ao Duce a prática de quaisquer atos que superassem os limites normativos de ação entabulados na Constituição existente. Ao mesmo tempo, o poder se dividia no que Paxton (2007) e Agamben (2004) chamaram de “poliocracia”, isto é, um princípio de liderança que se subdividiria ao longo da pirâmide de poder intrapartidário, criando uma legião de Duces submetidos ao comando central.

A estrutura do Estado dual, conforme apontado por Agamben (2004) é uma possibilidade de compreensão tanto da estrutura institucional do Fascismo italiano quanto do caso alemão, já que a estrutura de poder mantida pelos dois regimes partia do mesmo pressuposto de subversão da lei e das garantias constitucionais.

Do ponto de vista das ideologias políticas, podemos elencar outras interpretações sobre o fascismo. Mas antes, cabe destacar que por ideologias políticas entendemos um conjunto de visões de mundo articuladas que constituem a vida social e constroem as identidades geracionais (MANNHEIM, 1986). A partir dos séculos XIX e XX, as ideologias políticas podem ser compreendidas como ações orientadas a partir dos grupos sociais que incorporam uma concepção de homem, da história e da sociedade, isto é, são produtos históricos da modernidade (CEPÊDA, 2012). A leitura dos fascismos a partir das lentes ideológicas possibilita entender o seu sistema de ideias, significados, lógicas internas e o sistema de ideias que sustentou o regime (GENTILE, 2013; LINZ, 2000).

Emilio Gentile (2013, p.90) analisa o fascismo para além da sua estrutura institucional: para o autor, trata-se de uma ideologia totalitária, composta por um holismo encampado por um partido revolucionário que arroga para si a vanguarda de seu grupo e que luta pelo monopólio do poder com o objetivo de estabelecer uma nova ordem fundada em sua visão de mundo. Além da tomada do poder, para o fascismo era importante a manutenção de um sistema de ideias que sustentasse a sua ideologia e permitisse a coesão e a perenidade do regime no comando (GENTILE, 2013, p. 94).

Ainda pautado em uma análise ideológica do fascismo, Roger Eatwell (2013), argumenta que o movimento, enquanto ideologia, consolida-se após a Primeira Guerra Mundial. Trazendo consigo as ideias de superioridade racial, um darwinismo social exagerado, a emergência das massas, o fascismo apresenta os três conceitos que compõem o seu núcleo: um novo homem, representado pelo incremento da violência, da dominação, do militarismo, do masculinismo e de uma força estruturante quase sobrenatural.

O segundo conceito, conforme Eatwell (2013) é o de Nação/nacionalismo, entendida na ideologia fascista como a busca por uma espécie de mito fundador, que no caso do Fascismo italiano refere-se ao *Risorgimento* e no Nazismo trata-se do sentimento de

*Volksgeist*³. Os dois eventos seriam marcados pelas raízes profundas que sustentam o sentimento de pertencimento à nação de uma forma mística.

O terceiro conceito, para Eatwell (2013) é o de Terceira Via, que rejeita o individualismo liberal de um lado, mas por outro se coloca contrário ao materialismo marxista. Dessa forma, ideologicamente, o Fascismo se entende como um movimento de rejeição às propostas colocadas à mesa na entrada do século XX, erigindo uma nova possibilidade de modernidade.

A compreensão do fascismo enquanto uma ideologia tem a vantagem de identificar quais conceitos estão presentes nas experiências originais e em possíveis derivações destes fenômenos. Conferir centralidade à ideologia fascista e aos conceitos que lhe permeia, possibilita, ainda, entender como as apropriações e recepções do conteúdo do regime foram feitas em contextos outros que não os originais. Nesse sentido, o cordel-jornal de Arinos de Belém, ainda que atravessado pela visão de mundo à que o autor pertence, parece traduzir o fascismo em torno de sua ideologia: separa-se os elementos históricos daquilo que pode ser entendido como o núcleo da cosmovisão fascista.

3.2 O fascismo no cordel: representação da estrutura fascista

Como apontam Gentile (2013) e Eatwell (2013), em geral tende-se a afastar a análise ideológica do fascismo, privilegiando-se um estudo mais preciso sobre as práticas e os resultados. Sobre isso, sublinhamos que a análise de Paxton (2007), por exemplo, embora não seja construída a partir de uma perspectiva de estudo das ideologias políticas, traz para o centro do debate elementos desta perspectiva. As paixões mobilizadoras, apontadas pelo autor, podem ser entendidas como estruturas derivadas da visão de mundo do grupo. Visão de mundo esta que suplanta a prática política: as paixões mobilizadoras são um ferramental disponível ao líder fascista para manter a militância coesa, incutir a ideia de dominação, de disputa entre os grupos sociais e, sobretudo, de fundar uma nova visão de mundo, de Estado e de sociedade.

A partir disso, entendemos que o que Paxton (2007) denomina de paixões mobilizadoras podem ser entendidas como elementos nucleares, adjacentes e periféricos

³ Em ambos os movimentos a centralidade está na unificação dos dois Estados, que ocorreram em 1871 no caso alemão, e entre 1815 e 1870 no caso italiano.

da ideologia fascista. A partir disso, utilizamos dois conceitos centrais da ideologia fascista, conforme apontado por Eatwell (2013), como categorias analíticas do cordel em questão.

As categorias de análise, então seriam: (i) nação/nacionalismo, composto pela ideia de superioridade étnica do grupo e pelo sentimento de pertencimento à um passado glorioso (o *Risorgimento*); (ii) terceira via, caracterizando o movimento como recusa ao liberalismo e à alternativa comunista. Ao final da seção, fizemos outros apontamentos de ordem mais geral sobre algumas “paixões mobilizadoras” que também aparecem no cordel.

A primeira categoria – nação/nacionalismo – é largamente explorada do cordel “Mussolini: o Ditador”. O primeiro ponto a se destacar é sobre a Primeira Guerra Mundial. Arinos de Belém narra as experiências de Mussolini quando este foi promovido a diretor do jornal *Avanti*.

Vem a guerra de 14
e mossolini radiante
elevou a direto
de um jornal o “Avanti”
defensor do socialismo
que lhe eu um passo adianti

Nessa guerra de 14
a Anstria-Hungria estava
aliada com a Italia
mas o “Avanti” protestava
nentralidade completa
que Mussolini apoiava.

Mas vendo a guerra iminente e
sem saber como pensar
em artigo “Abaixo a guerra”
faz o Partido alegrar
mas sua idéa de guerra
num instante fez mudar. (BELÉM, s/d, p.7)

Arinos de Belém, então, narra o rompimento de Mussolini com o jornal *Avanti*, haja vista a sua clara posição favorável à entrada da Itália na guerra. Destaque-se que parece haver uma certa mescla entre a ambição pessoal de Mussolini e a ambição de grandeza da Itália.

Despeitado, ambicioso,
de uma maneira enervante
rompe com Balabanoff
deixa a direção do “Avante”
arruma a bagagem e vae
“cavar” a vida adiante.

Um mez depois em Milão
respirando ares da serra
funda “Il Popolo d’Italia”

o novo jornal da terra
advogando a entrada
da Itália nessa guerra.

Sua ambição de subir
era uma idéia danada
sentou praça no exército
soldado raso, mais nada,
e tanta sorte em campanha
que o fêre uma granada. (BELÉM, s/d, p.7)

Eatwell (2013) aponta a existência de um nacionalismo que busca um mito fundador do Estado fascista (a recuperação do *Risorgimento*, como já apontamos), que, em grande medida, seria ampliado na Segunda Guerra a partir da conquista de territórios fora da Itália. Esse nacionalismo, que em alguns momentos se confunde com as ambições do *Duce* e do regime, aparecem bem descritos no cordel.

E em 39 ele ordena
da Albânia a ocupação
massacrando o pobre povo
da pequenina nação,
mas o ataque feito á guerra
causou-lhe grande aflição

A batalha da Inglaterra
ofuscou sua carreira
as grandes perdas sofridas
n'uma investida primeira
abateram a Itália
em vergonhosa maneira.

A Abissínia e Líbia
Tripolitana também
caem em poder dos aliados
e Mussolini viu bem
sua queda desastrosa com too poder que tem. (BELÉM, s/d, p.15)

No excerto acima, o cordelista faz referência às campanhas da Itália contra a Albânia, a Etiópia e a Líbia, bem como a luta contra a Inglaterra após a invasão italiana à Grécia. Embora não se aprofunde nos fatos históricos, a menção, ainda que indireta, ao nacionalismo imperialista da Itália Fascista é evidente.

Porém haveria outro tipo de nacionalismo excludente, que se fundava em um darwinismo social extremado, causa de explicação do racismo explícito perpetrado pelo Fascismo italiano e sistematicamente pelo Nazismo. No cordel sob análise, essa distinção parece muito evidente.

Feito primeiro ministro
cargo que ele ambicionava
manobrava a seu prazer
sobre todos manobrava,
mas as idéas fascistas
a muitos desagradava

Exílios e mais exílios
a muita gente mandou,
ricos homens, gente fina
com ele se desgostou
o para guerra de agora
com o Reiche se atirou (BELÉM, s/d, p.14)

A segunda categoria – A Terceira Via – é bem presente no cordel. Arinos de Belém cita as experiências do pai de Mussolini como “agitador socialista” e, posteriormente, a experiência dele próprio como agitador na Suíça.

Dominado de ambição
deixou de ser professor
segue o exemplo de seu pae
e se fez agitador,
metendo os pés pelas mãos
nas aldeias em redor.

[...]

Por isso lá na Suiça
em Zurich, conheceu
Angelica Balabanoff
com ela logo se deu
de bôa família russa
que a Musssolini acolheu.

Essa distinta família
tinha idéas socialistas
e devido essas idéas
na terra de imperialistas
imigrou-se pra Suiça
pensando fazer conquistas. (BELÉM, s/d, p.4-5)

Segundo Ackelsberg (1999), Angelica Balabanoff foi quem manteve o primeiro contato com Mussolini na Suíça, acolhendo-o e integrando-o no partido socialista entre 1907 e 1910. Ela também introduziu o futuro *Duce* nos círculos mais proeminentes do socialismo suíço e italiano, alçando-o a editor do *Avanti*, jornal com o qual ele romperia depois, conforme já dissemos anteriormente.

O ponto a se destacar é que o cordelista, de forma muito direta, captou essas movimentações que Mussolini fez, recuperando toda a trajetória do líder fascista antes de sua ascensão. Especificamente sobre a ideia de terceira via, o argumento trabalhado no

cordel é sobre a ambição de governar o país exarada por Mussolini. Extraí-se do cordel que o líder fascista criou o partido justamente pela necessidade de conter o bolchevismo em ascensão e, dessa forma, o Partido Fascista deveria se apresentar como um obstáculo a isso, já que Mussolini não aceitava mais as ideias socialistas e recusava o *establishment* político instituído.

A idéia bolchevista
aumentava de ano em ano
havendo já se infiltrado
em terreno italiano,
Mussolini olhando longe
concebeu um novo plano

E um ano após a guerra
- novecentos e desenove –
o bolchevismo em Milão
grande agitação promove,
Mussolini diante disto
vendo o perigo se move.

E cinco dias depois
do grande acontecimento
funda o Partido Fascista
com um *meeting* no momento
sob a denominação
“Fasci de Combate”. (BELÉM, s/d, p.09)

Para além dessas categorias, alguns outros elementos são evidentes no cordel. O primeiro deles é a sistematização que o cordelista faz sobre a ascensão de Mussolini ao poder, bem como a composição dos quadros de direção e militância do movimento.

um grande agitador
de um homem que nada sendo
chegou a ser gran-senhor
mas a ambição demedida
tirou-lhe todo valor.
(...)
ele e sua Idéia
hoje é Nada e é sepulto
(...)
agitou o povo inculto
para assim dessa maneira
(...)
Nasceu Benito Amilcare
de Andréa Mussolini
a 29 de Julho
sob un soli purpurini
de 1883

na patria de Paganini” (BELÉM, s/d, p. 1)

Além de dados biográficos, o cordelista também fornece um juízo de valor em relação a origem “nada sendo” de Mussolini, assim como antecipa a forma que esta liderança posteriormente vai conduzir a nação italiana. Mussolini então passou de uma baixa burguesia, quando trabalhou como pedreiro e carregador, para quadros sobremaneira mais prestigiados do que antes.

Atuou como professor até que fosse elevado ao cargo de diretor do jornal *Avanti*, aventurando-se até como romancista. Arinos escreve: “Fez-se também romancista/e um bom romance escreveu/é o ‘Claudia Particelli’/nome que ele lhe deu,/mas esse velho romance/pouca gente conheceu” (BELÉM, p. 5). De todo modo, nenhuma destas atividades foram capazes de dar ao líder as ferramentas necessárias para alcançar o poder.

Somente quando entende o seu papel de “agitador”, parafraseando o cordelista, é que constrói a sua trajetória e o seu papel de forma mais sólida. Arinos aponta que as relações interpessoais de Mussolini já sinalizavam sua ganância pelo poder “buscava meios e modas/de melhores posições/procurando intimidade/com gente de relações/cujas idéias só fossem/das suas opiniões” (BELÉM, p. 3).

Arinos de Belém também tratou da arregimentação da militância fascista. Entendendo as camadas de inserção do fascismo italiano na sociedade, o cordelista descreve o perfil de uma primeira militância que integrou o movimento.

A pena de Mussolini
inflamou o camponez
arreatou o operário
na ingenua pacatez,
que em setembro do ano 20
o seu desejo ele fez. (BELÉM, s/d, pp. 7-9)

Nessa orientação, o cordel-jornal de Arinos de Belém, embora trate de maneira extensa os caracteres da *persona* do líder fascista, trabalha de forma acurada explicitando o papel da militância e das lideranças do regime. Há ainda, uma recepção qualificada sobre a alteração da dinâmica social e da estrutura do Estado no texto, indicando que as proporções alcançadas pelo fascismo italiano e pela própria figura de Mussolini foram significativas, ao ponto de serem retratadas na literatura popular dos anos 1930 e 1940 no Brasil.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, tencionamos analisar um cordel-jornal específico de Arinos de Belém em que o autor trata do contexto de ascensão e crise do Fascismo italiano, marcadamente centralizado no seu líder, Benito Mussolini. A proposta, embora de caráter ensaístico, teve como objetivo principal entender como elementos teóricos do fascismo surgiram e de que forma foram mobilizados pelo cordelista.

A produção do cordel e do cordel-jornal no Brasil do século XX representou um dos maiores movimentos da literatura popular tanto em termos de alcance quanto na quantidade de produções. Neste sentido, é importante retomar a ideia de que essa produção textual tem a dupla função: a de apontar as contradições da vida social e de retratar as mudanças cotidianas, valendo-se de mecanismos de representação e explicação do mundo. O texto, então, não serve somente como mera abstração autoral, mas carrega consigo certo grau de obrigação em explicar o mundo, percorrendo caminhos outros que não o acadêmico. Daí a dupla dimensão entre a produção intelectual acadêmica, que lida constantemente com métodos e pressupostos, em contraposição à literatura que pretende a construção imagética de um determinado momento ou um fato ou uma personagem e etc.

No caso do cordel-jornal analisado, “Mussolini, o Ditador”, Arinos de Belém propôs a descrição e a popularização de um tema até então restrito às esferas acadêmicas. É muito claro o interesse do autor em não somente construir imaginários, mas também de produzir uma visão quase sistematizada do mundo político da sua época. Elementos como a contextualização histórica do fascismo, o conceito de Nação e nacionalismo, ideia de Terceira Via, a forma de arregimentação da militância, as paixões mobilizadoras, a dinâmica de ação dos integrantes do partido, a construção da personalidade autoritária de Mussolini, as fronteiras entre Fascismo, autoritarismo e totalitarismo, são retratadas no cordel de forma a espelhar a realidade e a propor uma tentativa de explicação do mundo à sua época.

Sobre os elementos teóricos necessários para a compreensão do fascismo, concordamos com Gentile (2013) e Eatwell (2013) de que, em geral, tende-se a afastar a análise ideológica do fascismo, privilegiando-se um estudo mais preciso sobre as práticas. Sobre isso, argumentamos que a análise de Paxton (2007), por exemplo, embora não seja construída sobre a análise ideológica do fascismo, traz para o centro do debate elementos ideológicos. As paixões mobilizadoras, apontadas pelo autor, podem ser entendidas como estruturas derivadas da visão de mundo do grupo. Visão de mundo esta que suplanta a

prática política: as paixões mobilizadoras são um ferramental disponível ao líder fascista para manter a militância coesa, incutir a ideia de dominação, de disputa entre os grupos sociais e, sobretudo, de fundar uma nova visão de mundo, de Estado e de sociedade.

Não vemos incompatibilidade entre as paixões mobilizadoras indicadas por Paxton (2007) e uma análise estruturalmente ideológica do fascismo. Na análise que empreendemos neste trabalho, é possível notar que a caracterização do Fascismo italiano em um cordel específico de Arinos de Belém resgata mais que a memória histórica dos fatos. Para o cordelista, parece haver a necessidade de compreensão das ideias, das visões de mundo, da ideologia fascista como elemento central para a construção do cordel. No primeiro excerto analisado, por exemplo, nota-se a separação entre o homem e a ideia, no qual o fascismo é mais que um movimento eminentemente institucional, ou o resultado de um declínio econômico, como apontou Poulantzas (1972). Ao contrário, ele é a pura expressão de uma ideologia totalitária composta de elementos centrais, adjacentes e periféricos, que conformam a sua visão de mundo.

REFERÊNCIAS

- ACKELSBERG, Martha. **Angelica Balabanoff**. Shalvi/Hyman Encyclopedia of Jewish Women. Jewish Women's Archive, 1999. Disponível em <<https://jwa.org/encyclopedia/article/balabanoff-angelica>> Acesso em 11 abr. 2022.
- AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. São Paulo: Boitempo, 2014.
- ALBRECHT, Milton. **The relationship of literature and society**. In: *American Journal of Sociology*, 5 (59), 1954.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 2. ed. Recife, PE: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana; São Paulo, SP: Cortez, 2001.
- ALTAMIRANO, Carlos & SARLO, Beatriz. **Literatura/sociedad**. Buenos Aires, Edicial, 2001.
- ALVES SOBRINHO, José. **Cantadores, repentistas e poetas populares**. Campina Grande: Bagagem, 2003.
- ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- BAUER, M. W. **Análise de Conteúdo Clássica**: uma revisão. In: BAUER, M. W; GASKELL (Orgs). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**: um manual prático. 2ª Ed Petrópolis: Vozes, 2002.
- BELÉM, Arinos de. **Mussolini, o ditador**. Guajarina: Belém, s/d.

BOTELHO, André. **O Brasil e os Dias**: Estado-nação, Modernismo e Rotina Intelectual. Bauru, SP, Edusc, 2005

BOTELHO, André. **Sequências de uma sociologia política brasileira**. In: **Dados**, 50 (1): 2007.

BOTELHO, André e HOELZ, Maurício. **Sociologias da literatura**: Do reflexo à reflexividade. In: **Tempo social**. vol.28, no.3, 2016.

BOTELHO, André & SCHWARCZ, Lília (orgs.). **Um enigma chamado Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas** (org. Sérgio Miceli). São Paulo: Perspectiva, 2007.

CAMPOS, Renato Accioly Carneiro. **Ideologia dos Poetas Populares do Nordeste**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1959

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993. v.2.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 6. ed. São Paulo: Nacional, 1980.

CASCUDO, Luís Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 3 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.

CEPÊDA, Vera Alves. A sociologia do Conhecimento em Karl Mannheim. In: HAYASHI, Maria C.; RIGOLIN, Camila; KERBAUY, Maria Teresa M. (org.). **Sociologia da Ciência**: primeiras aproximações. Campinas: Átomo-Alínea, 2012.

CEPÊDA. Trajetórias do corporativismo no Brasil: teoria social, problemas econômicos e efeitos políticos. In: ABREU, Luciano; SANTOS, Paula. (Org.). **A era do corporativismo**: regimes, representações e debates no Brasil e em Portugal. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

DEUTSCH, Sandra McGee. **Las Derechas**: The Extreme Right in Argentina, Brazil, and Chile, 1890–1939. Stanford: Stanford University Press, 1999.

EASTWOOD, Jonathan. **Bourdieu, Flaubert, and the sociology of literature**. In: **Sociological Theory**. 2 (25), 2007.

EATWELL, Roger. Fascism. In: FREEDEN, Michael; SARGENT, Lyman Tower; STEARS, Marc. **The Oxford Handbook of political ideologies**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

FCRB – Fundação Casa de Rui Barbosa. **Acervo de Cordel**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/acervo.html>>. Acesso em 10 de setembro de 2015.

FERREIRA, Gabriela Nunes. **Centralização e descentralização no Império: o debate entre Tavares Bastos e Visconde de Uruguai**. São Paulo, Editora 34, 1999.

FORSTER, Peter & KENNEFORD, Celia. **Sociological theory and the sociology of literature**. In: *The British Journal of Sociology*, 3 (24): 1973.

FREEDEN, Michael; SARGENT, Lyman Tower; STEARS, Marc. **The Oxford Handbook of political ideologies**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Folhetos e jornais: uma análise comparativa do ponto de vista do leitor**. In: MENDES, Simone (org.). **Cordel nas Gerais: Oralidade, Mídia e produção de sentido**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010.

GENTILE, Emilio. Total and totalitarian ideologies. In: FREEDEN, Michael; SARGENT, Lyman Tower; STEARS, Marc. **The Oxford Handbook of political ideologies**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

GONÇALVES, Marco Antonio. **Imagem – palavra: A produção do cordel contemporâneo**. In: **Sociologia & Antropologia**. Vol. 1, n.2. Rio de Janeiro, 2011

HAURÉLIO, Marco. **A trajetória do Cordel no Brasil, em prosa e verso**. In: **Cultura Crítica** (Revista Cultural da APROPUC-SP) nº 8. Dossiê sobre Literatura de Cordel. São Paulo, 2007.

HUNTINGTON, Samuel. **A terceira onda**. São Paulo: Ática, 1994.

KONDRATIEFF, Nikolai D. The long waves in economic life. **Review of Economic Statistics**, vol. 17, n. 6, nov 1935. Disponível em <<https://www.cannonfinancial.com/uploads/main/Long-Waves-in-Economic-Life.pdf>> Acesso em 06 abr. 2022.

LIMA, Arievaldo Viana. (org.). **Acorda cordel na sala de aula**. Fortaleza: Tupynanquim Editora/ Queima-Bucha, 2006.

LINZ, Juan. **Del autoritarismo a la democracia**. Yale: Yale University Press, 1971.

LINZ, Juan. Prefácio à segunda edição. In: TRINDADE, Hégio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30**. São Paulo: DIFEL, 1979.

LINZ, Juan. **Totalitarian and authoritarian regimes**. London: Lynne Rienner Publishers, 2000.

LONDRES, Maria José Fialo. **Cordel: do encantamento às histórias de luta**. São Paulo: Editora Duas Cidades, 1983.

LUYTEN, Joseph. **A notícia na literatura de cordel**. São Paulo: Estação Liberdade, 1992.

- LUYTEN, Joseph. **O que é literatura de cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- MATOS, Edilene Dias. **Literatura de cordel: poética, corpo e voz**. In: MENDES, Simone (org.). **Cordel nas Gerais**: Oralidade, Mídia e produção de sentido. Fortaleza: Expressão, 2010.
- MATOS, Edilene Dias. **O imaginário na literatura popular em verso**. Dissertação de Mestrado em Letras, UFBA: Salvador, 1986.
- MAXADO, Franklin. **O que é literatura de cordel?** São Paulo: Hedra, 2007.
- MANNHEIM, Karl. **Ideologia e Utopia**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NEEDELL, Jeffrey. **Belle Époque Tropical**: sociedade e cultura no Rio de Janeiro na virada do século. Trad.: Celso Nogueira. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- ORTIZ, Renato. **Românticos e folcloristas**: cultura popular. São Paulo: Olho d' água: 1992.
- PAXTON, Robert. **Anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- PINTO, Antonio Costa; MARTINHO, Francisco Palomares (Org.). **A Vaga Corporativa**: corporativismo e ditaduras na Europa e na América Latina. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2016
- SALLES, Vicente. **Guajarina, folhetaria de Francisco Lopes**. **Revista Brasileira de Cultura**. Rio de Janeiro, jul./set. 1971, n. 9.
- SALLES, Vicente. **Repente e cordel, literatura popular em versos na Amazônia**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1985.
- TEIXEIRA, Ana Paula de F. **Modernidades em confronto**: as literaturas modernistas brasileira e portuguesa. Tese (Doutorado em Sociologia), FFLCH/USP: São Paulo, 2009.
- TERRA, Ruth Brito Lêmos. **Memória de lutas**: literatura de folhetos do Nordeste (1893-1930). São Paulo: Global Editora, 1983.
- THIESSE, Anne-Marie. **A criação das identidades nacionais**: Europa- séculos XVIII-XX. Lisboa: Temas e Debates, 2000.
- TRINDADE, Héglio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 30. São Paulo: DIFEL, 1979.
- VICENTE, Zé (1898-1975). **Zé Vicente**: poeta popular paraense. Introdução e seleção Vicente Salles. São Paulo: Hedra, 2000.

WAIZBORT, Leopoldo. **Roberto Schwarz**: entre forma literária e processo social. In: Botelho, A. & Schwarcz, L.M. Um enigma chamado Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NOTAS:

TÍTULO DA OBRA:

A recepção do fascismo no Cordel-Jornal “Mussolini: O Ditador” de Arinos de Belém

José Augusto Marques de Souza

Mestre em Ciência Política

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Programa de Pós-graduação em Ciência Política (PPGPOL), São Carlos/SP, Brasil
souzajoseaugusto@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-6040-6895>

Diego Ramon Souza Pereira

Mestre em Ciências Sociais (UFBA)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias, campus XVIII, Eunápolis/BA, Brasil
drspereira@uneb.br

 <https://orcid.org/0000-0003-1912-6415>

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Em Tese** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution 4.0 Internacional \(CC BY\)](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

HISTÓRICO

Recebido em: 27/03/2021

Aprovado em: 22/03/2022

